

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

**O ESPAÇO MUSEOLÓGICO COMO MEDIADOR DE CONHECIMENTO GEOGRÁFICO
NO ENSINO MÉDIO**

Adriano Ricardo Casimiro de Freitas

Prof(a).Dr(a). Andréia Medinilha Pancher

Rio Claro (SP)

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

ADRIANO RICARDO CASIMIRO DE FREITAS

O ESPAÇO MUSEOLÓGICO COMO MEDIADOR DE
CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Andréia Medinilha Pancher

Rio Claro – SP

2024

F866e Freitas, Adriano Ricardo Casimiro de
O Espaço museológico como mediador de conhecimento geográfico
no ensino médio / Adriano Ricardo Casimiro de Freitas. -- Rio Claro,
2024
39 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Andréia Medinilha Pancher

1. Geografia (Ensino Médio). 2. Acesso à coleção dos museus. 3.
Ciências sociais Trabalho de campo. 4. Aprendizagem. I. Título.

ADRIANO RICARDO CASIMIRO DE FREITAS

O ESPAÇO MUSEOLÓGICO COMO MEDIADOR DE CONHECIMENTO GEOGRÁFICO NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

Comissão Examinadora

Andréia Medinilha Pancher(orientador)

Diego Corrêa Maia

Marina Castro de Almeida

Rio Claro, 22 de novembro de 2024.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

Dedico este estudo a minha família, pois mesmo que não concordem com minhas escolhas nunca deixaram de me amar e apoiar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me abençoar todos os dias e me permitir chegar até onde estou hoje, pois sem ele nada do que conquistei com árduo esforço seria possível.

Sou muito grato a minha família, meu pai Raimundo e mãe Adriana, que sempre me apoiaram independentemente de meus ideais e decisões, além de sempre estar ao meu lado em todos os momentos de minha vida, sejam bons ou ruins, aos meus hamsters que escutaram todos os meus ensaios de apresentações da universidade e foram meus raios de sol após dias cansativos.

Agradeço também à minha orientadora, prof^a Dr^a Andréia Medinilha Pancher, por me orientar de forma tão atenciosa e paciente, sempre me motivando a pesquisar e seguir em frente, não apenas na criação deste presente TCC, mas também durante toda minha estadia no museu geo-cartográfico e ambiental, onde aprendi muitas coisas que me impulsionaram a criar esta pesquisa e me fez novamente me apaixonar pela Geografia.

Agradeço também a todos os outros membros do campus que de alguma forma contribuíram com minha formação, sejam docentes como o prof^o Dr.^o Diego Corrêa Maia, que sempre esteve apoiando meu esforço mas também outros funcionários como as servidoras da limpeza do departamento de Geografia que sempre trabalham com sorrisos nos rostos, nos motivando todos os dias.

Sou grato pelas poucas mas ótimas amizades que fiz no campus, como o meu amigo Leonardo Henrique Cecagno, que enfrentou quase todos os trabalhos da formação junto comigo e as garotas do museu geo-cartográfico e ambiental, Luanna Martins, Nicolý Cristine, Beatriz Gitahy e Livia Neodini, por sempre trabalharmos em harmonia e nos divertindo mesmo em dias cheios.

“A tragédia não é quando um homem morre. A tragédia é o que morre dentro de um homem quando ele está vivo”.

(Mario Sergio Cortella)

RESUMO

Os museus são extremamente significativos na história da humanidade, tanto no que diz respeito a sua formação como também a sua evolução. Assim, o uso dos espaços museológicos por alunos e professores em atividades escolares deve ser analisado e demandado, para que estes desempenhem um papel de mediador para o conhecimento significativo sobre o espaço geográfico e suas muitas relações. Diante do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo fundamental compreender a importância dos museus e da atividade museológica no contexto escolar, especificamente nos três anos do ensino médio. Para o propósito, a pesquisa se respaldou no método qualitativo, relativo ao tipo de estado da arte, e foi desenvolvida com base na análise bibliográfica referente ao ensino de conceitos e conteúdos geográficos por meio de museus, abrangendo um recorte temporal entre 2009 e 2024. Os resultados obtidos evidenciam a competência do espaço museológico enquanto um aliado ao ensino, além de exaltar a importância do trabalho teórico dentro da sala de aula do qual a visita ao museu permite aprofundar e complementar o conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Museu, Ensino de Geografia, Estudante.

ABSTRACT

Museums are extremely significant in the history of humanity, both in terms of their formation and evolution. Thus, the use of museum spaces by students and teachers in school activities must be analyzed and demanded, so that they play a mediating role for significant knowledge about geographic space and its many relationships. In view of the above, the present research had as its fundamental objective to understand the importance of museums and museum activities in the school context, specifically in the three years of high school. For this purpose, the research was supported by the qualitative method, related to the type of state of the art, and was developed based on the bibliographic analysis regarding the teaching of geographic concepts and content through museums, covering a time frame between 2009 and 2024. The results obtained demonstrate the competence of the museum space as an ally to teaching, in addition to highlighting the importance of theoretical work within the classroom, in which the visit to the museum allows deepening and complementing geographic knowledge.

Keyword: Qualitative research, Museum, Geography Teaching, Student.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Importância da Mediação Museológica	15
2.2 A Mediação Museológica em Prática	19
3. METODOLOGIA	24
3.1 A Organização da Pesquisa	24
3.2 O Viés Metodológico da Pesquisa	24
3.3 A Análise das Referências Bibliográficas	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	30
4.1 Os Resultados das Experiências Analisadas	30
4.2 O Museu Geo-Cartográfico e Ambiental	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	39

1. INTRODUÇÃO

O espaço museológico clássico sempre foi um ambiente consideravelmente estático, não promovendo a interação dos visitantes com sua coleção; entretanto com o passar dos anos a visão estática que muitos possuíam destes espaços começara a mudar, pois hoje os museus contemporâneos são símbolos de dinamicidade, capazes de transmitir conhecimentos significativos para jovens escolares, bem como para pesquisadores. Essa evolução do espaço museológico enquanto mediador de conhecimento torna-o uma ferramenta essencial para pesquisa, como colocado por Mendes (1999):

Estamos, pois, numa fase em que se atribui ao museu uma relevância cada vez maior, tendência que, muito provavelmente, se manterá nas próximas décadas. Para isso, têm contribuído fundamentalmente dois factores: por um lado, o reforço da importância atribuída ao papel educativo dos museus; por outro, a crescente pressão, sobre os museus, para que eles justifiquem a sua própria existência e, bem assim, os vultosos investimentos neles efectuados. (Mendes, 1999, p. 668).

A interação direta com o ambiente museológico oferece uma abordagem prática que complementa harmoniosamente o ensino de geografia das salas de aula, sendo a escola como um meio de educação formal e os museus como um meio de educação informal, mas complementando-se, como destaca Cucchi (2022):

É importante compreender no processo de ensino e aprendizagem a relação entre o museu e a escola. Haja vista que estes ambientes são educativos. Apesar de existir diferenças significativas no processo educativo do sujeito, a escola apresenta um processo educativo formal/sistematizado, enquanto nos museus a educação é não formal, porém com valiosa contribuição formativa (Cucchi, 2022, p. 80).

Analisando-se as relações que compõem o espaço geográfico muitas vezes expostas no museu, entende-se que essas podem complementar os ensinamentos propostos em sala de aula, relacionando-os com suas próprias realidades, compreendendo-as de forma ampla e despertando no aluno uma reflexão crítica, como é o caso da experiência realizada por Sabota (2023), o qual propôs uma visita com alunos do ensino médio a um museu para aprofundar seus conhecimentos sobre o estado de Goiás.

No sentido de aprofundar o conhecimento e extrapolar a superficialidade de compreensão conceitual dos discentes, foi desenvolvida uma prática educativa cujo objetivo foi construir o conhecimento geográfico, a partir da problematização dos aspectos espaciais sobre o território goiano. Para isso, foi realizada uma proposta teórico-metodológica que combinou a leitura e a análise da paisagem com uma visita a um espaço museológico, na perspectiva de contribuir com o desenvolvimento de princípios e operações mentais presentes nos conhecimentos geográficos. (Sabota, 2023, p. 6).

Desse modo, nesta pesquisa buscou-se expor os benefícios de uma educação integrada com o conhecimento adquirido em museus, podendo-se atestar a partir da revisão teórica

abrangendo diferentes autores e pesquisadores das áreas de educação e geografia, que as interações propostas pelos espaços museológicos podem despertar nos alunos do ensino médio um maior interesse na geografia e cooperar com uma formação crítica.

Justificativa

Em 1818 foi criado o primeiro museu nacional no Rio de Janeiro, e desde então o espaço museológico tornou-se cada vez mais presente no território brasileiro, através da criação de cada vez mais espaços deste gênero. De acordo com uma pesquisa realizada em 2022 pela Revista Museu, o Brasil possui cerca de 3.967 museus em seu território.

Assim, para a realização desta pesquisa, foi selecionado o tema relativo ao espaço museológico como mediador de ensino geográfico no ensino médio. Vale salientar, que para que uma pesquisa seja realizada com êxito, é necessário que o pesquisador esteja totalmente familiarizado com o tema que deseja trabalhar, pois apenas assim será possível dedicar o esforço necessário para desenvolver uma pesquisa consistente.

A museologia tornou-se parte do cotidiano do pesquisador apenas recentemente, no início do ano de 2023, através do seu engajamento como bolsista no projeto de criação do Museu Geo-Cartográfico e Ambiental, no Departamento de Geografia e Planejamento Ambiental, com financiamento do CPNq (Processo: 407117/2022-9), referente a Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 39/2022 - Linha 3 - Divulgação científica e educação museal em espaços científico-culturais.

Assim, desde o início deste projeto, têm sido realizados estudos acerca da museologia, da aplicação de procedimentos para a catalogação e cuidados para a conservação de um acervo cartográfico e ambiental existente no departamento, adquirido no decorrer da trajetória do curso de graduação em Geografia, iniciado em 1958. Essa experiência trouxe uma nova perspectiva de um ensino mediado a partir da interação com o espaço museológico pelas instituições de ensino. Vale salientar, que o próprio pesquisador nunca tinha visitado um museu no âmbito escolar no ensino fundamental e médio, o que fomentou o desenvolvimento desta pesquisa, pois tais espaços são tão presentes por todo território nacional, entretanto podem estar sendo subutilizados como intermediadores de um ensino mais interessante e efetivo.

Teorias como a histórico-cultural de Vygotski afirmam que o funcionamento psicológico tem fundamento na relação entre homem e Mundo, nas quais se desenvolvem em um processo histórico. Nesta perspectiva, tratando-se do ensino geográfico, dificilmente um professor encontrará uma melhor forma de trazer esta relação entre o homem e o Mundo no

contexto histórico para seus alunos do que em um museu. Paulo Freire (2011) é outro importante autor considerado nesta pesquisa, para tratar da área da educação, o qual destaca que é imprescindível despertar nos alunos o pensamento reflexivo crítico, e para isso se faz necessário conhecer o espaço onde estes alunos residem, conhecer sua história e sua trajetória, além de todos os elementos que residem em um museu.

A formação dos alunos do ensino médio vem sendo comprometida nos últimos anos com a reforma do ensino médio, a redução ou mesmo completa remoção de matérias da área das humanidades, podendo ter graves reflexos na formação de alunos crítico-reflexivos. Contudo, a interação dos alunos com um espaço como um museu pode trazer aos mesmos a compreensão do espaço geográfico que pertencem e consequentemente aprimorar sua visão crítica do mundo em que vivem, cooperando com sua formação como cidadãos, tal como explicitado na pesquisa realizada por Sabota (2023), o qual buscou aprimorar o olhar geográfico de seus alunos com uma visita a um museu:

Para alcançar tal propósito, surgiu naquele contexto da unidade escolar a possibilidade de se realizar uma atividade direcionada ao ensino de Geografia em ambiente museológico, como modo de se problematizar o uso do conceito de paisagem para o entendimento do espaço geográfico. Assim, o desenvolvimento da proposta teórico-metodológica permitiu não apenas contextualizar as formações e transformações das paisagens, mas também auxiliar na construção do olhar geográfico, a partir da leitura espacial dos registros históricos-temporais-naturais de uma localidade. (Sabota, 2023, p. 7).

Diante do exposto, evidencia-se que o espaço museológico pode trazer a interação e integração com o espaço geográfico, de tal forma que o ensino de geografia somente oferecido no ambiente escolar pode não alcançar; um professor que busque integrar suas atividades em sala de aula à uma visita a um museu pode verificar a grande mudança em sua capacidade de compreender a realidade a sua volta e perceber as relações homem e Mundo, como pretendeu-se evidenciar através de pesquisas já realizadas por outros professores e pesquisadores, as quais foram analisadas neste trabalho.

Objetivos

A finalidade desta pesquisa foi analisar e destacar as implicações do espaço museológico para o ensino de geografia no ensino médio e consequentemente para a formação dos alunos, identificando fatores que evidenciam a importância dessa relação museu-escola para o ensino de geografia, além de identificar possíveis potencialidades desta parceria.

Sendo os objetivos específicos da pesquisa: Identificar os argumentos que expressam a importância da relação entre o ensino de geografia e o museu, além das potencialidades de tal

relação; Identificar os reflexos das visitas aos espaços museológicos, evidenciando as implicações da museologia no ensino de geografia no ensino médio; E analisar e propor formas de aplicar o uso do espaço museológico no ensino de geografia no ensino médio, buscando atender os critérios das diretrizes curriculares vigentes; .

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este tópico apresenta o embasamento teórico, abrangendo as principais referências bibliográficas que foram utilizadas na elaboração desta pesquisa, abordando temas e pesquisas que foram a fundação sobre a qual foi possível alcançar os objetivos deste presente trabalho.

É importante ressaltar que neste presente trabalho não pretendeu-se um aprofundamento nas teorias clássicas de autores como o professor Paulo Freire e Milton Santos, mas sim apoiar-se nas contribuições destes autores a fim de alcançar o objetivo fundamental desta pesquisa, que é o de valorizar as visitas a museus por parte de alunos de escolas públicas e privadas durante o período do ensino médio.

2.1 Importância da mediação museológica

Para melhor compreensão da importância da visita ao museu por parte dos alunos, se faz necessário olhar primeiro para os conhecimentos que se podem extrair do museu que convergem ou complementam a grade curricular de geografia do ensino médio. Analisando primeiramente o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), especificamente a área de ensino que engloba o ensino de geografia, a qual corresponde a “área de ciências humanas e sociais aplicadas”, tem-se o comprometimento com o ensino que aprofunda as características já trabalhadas no ensino fundamental 1, mas que com o desenvolvimento cognitivo do jovem torna-se necessário maior aprofundamento destas, como: a compreensão e reconhecimento de diferenças, processos de tomada de consciência, de formas de organização da sociedade em diferentes eras históricas e espaços, entre outros aspectos. Na BNCC é destacado:

A exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa torna-se possível no Ensino Médio dada a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos – com base em um número maior de variáveis –, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração. (BRASIL, 2018, p. 561).

O desenvolvimento de tais características é passivo de uma conexão direta com os ideais de Freire (2011) em seu texto sobre a pedagogia da autonomia, mais especificamente quando este trata sobre a ética e como esta pode apenas ser ensinada e defendida em sala de aula a partir do exemplo direto do ensinador e como este lida com a realidade ao seu redor

com todas as suas diferenças. Neste sentido, como exemplo de como lidar com as diferenças ideológicas no ensino utilizando a ética, Freire destaca:

(...) Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos. Não podemos basear nossa crítica a um autor na leitura feita por cima de uma ou outra de suas obras. Pior ainda, tendo lido apenas a crítica de quem só leu a contracapa de um de seus livros. (Freire, 2011, p. 13).

A partir da leitura de Freire (2011) é possível inferir que o educador deve não apenas trabalhar as diferenças mas deve às expor e às exaltar frente a seus alunos, fazendo com que estes desenvolvam um pensamento crítico frente ao exemplo do professor. Então, evidenciando novamente os comprometimentos expostos no documento da BNCC sobre esta mesma tarefa de guiar o aluno ao entendimento e compreensão de diferenças e as muitas outras exigências já citadas, verifica-se que é imprescindível que as visitas a museus lidem com a evolução da sociedade e suas muitas vertentes. Espaços museológicos clássicos como o Museu do Ipiranga na cidade de São Paulo, que trabalham a história da formação da sociedade brasileira e seus auge e declínios podem trazer uma perspectiva para alunos do ensino médio que os permita compreender de forma mais abrangente a sociedade que hoje os cerca, além também de agregar conhecimento técnico sobre a formação do país.

O documento da BNCC também destaca a importância do chamado “protagonismo juvenil”, o qual implica no desenvolvimento crítico e ativo do jovem, buscando aprimorar sua tomada de decisões e sua participação e valorização de projetos e trabalhos de campo, como descrito:

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018, p. 562).

Tal concepção agrega a ideia de que é essencial o trabalho de campo na formação do aluno do ensino médio para desenvolver habilidades críticas que serão úteis para este não apenas enquanto estudante mas também como cidadão, novamente agregando a ideia de que o museu enquanto instituição mediadora de conhecimento pode ser um grande aliado no desenvolvimento juvenil, o qual pode mobilizar diferentes tipos de linguagens que o jovem pode interagir diretamente.

É importante também citar a relevante riqueza de acervos históricos e diferentes formas de registros que fazem parte de um espaço museológico, podendo estes serem usados a

fim de criar situações que estimulem os alunos a pensar de formas diferentes e consequentemente favorecer o desenvolvimento do “protagonismo juvenil”. Como destacado por Figurelli (2011), o patrimônio do museu se viabiliza como uma poderosa ferramenta para a percepção crítica da sociedade.

Analizando a Proposta Curricular de São Paulo de 2011, especificamente sobre as habilidades que devem ser desenvolvidas pelos alunos durante o período do ensino médio, é possível perceber diversas menções à análises espaço-temporais e também análises do espaço geográfico brasileiro. Para destacar alguns aspectos deste documento, no segundo bimestre do primeiro ano do ensino médio, uma das habilidades a ser trabalhadas é “Analisar as desigualdades relativas ao conhecimento técnico e tecnológico produzido pelas diversas sociedades em diferentes circunstâncias espaço-temporais” (BRASIL, 2011, p. 101); já no quarto bimestre do segundo ano tem-se a necessidade do desenvolvimento da habilidade de “Relacionar sociedade e natureza, reconhecendo suas interações na organização do espaço brasileiro, em diferentes contextos histórico-geográficos” (BRASIL, 2011, p. 101).

Tais habilidades descritas na Proposta Curricular de São Paulo são facilmente convergidas não apenas para estudos que podem ser realizados a partir de trabalhos de campo em espaços museológicos, mas também tomando como base as contribuições de Milton Santos (2006). Assim, quando são analisados fatos como “desigualdade relativa ao conhecimento técnico”, é imprescindível que se lembre ou se trabalhe conceitos como o meio técnico-científico-informacional de Milton Santos (2006).

Esse conceito explica como os diferentes níveis de evolução tecnológica na globalização afetam desigualmente os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, como destacado por Santos (2006):

O terceiro período começa praticamente após a segunda guerra mundial, e sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70. É a fase a que R. Richta (1968) chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas. (Santos, 2006, p. 159).

Assim, com base na Proposta Curricular de São Paulo, juntamente com as contribuições de Milton Santos, é possível inferir que pesquisas baseadas em conceitos como o meio técnico-científico-informacional, que pode ser indiretamente trabalhado no ensino médio a partir de temas que são notórios nesse período do ensino, como a desigualdade relativa ao conhecimento técnico, podem ser engrandecidas com trabalhos de campo em espaço museológico. Nesses espaços tem-se uma observação direta das transformações

tecnológicas que ocorreram com a evolução humana, também permitindo promover uma conexão com exemplos concretos de circunstâncias histórico-geográficas e uma maior reflexão crítica sobre as mesmas, além de inspirar nos discentes a realização de projetos de pesquisa no contexto da sala de aula.

Buscando evidenciar a importância da mediação museológica para alunos sob a visão de um autor clássico, apresenta-se uma breve análise sobre a obra de Vygotsky (1984 apud Rego, 1995). Como descrito por Rego (1995), para Vygotsky o indivíduo se desenvolvia não apenas pela maturação biológica, mas também pela interação com o meio ao qual está inserido e a partir desta interação o homem constrói seus instrumentos físicos, estes sendo objetos, além dos instrumentos abstratos, como as crenças e os costumes dos mesmos. Ou seja, para Vygotsky (apud Rego, 1995) o desenvolvimento de um ser humano depende fortemente do grupo social e cultural ao qual pertence. Neste viés, o espaço escolar torna-se um importante marco do processo de desenvolvimento, visto que quando analisamos o amplo período ao qual os jovens passam na escola, percebemos que este espaço e as pessoas que lá residem tornam-se um dos principais grupos culturais na vida de um estudante e o aprendizado que este adquire no espaço escolar movimenta seu processo de desenvolvimento. Sobre o aprendizado, Rego (1995) enfatiza a visão de Vygotsky:

Nessa perspectiva, é o aprendizado que possibilita e movimenta o processo de desenvolvimento: "o aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam" (Vygotsky, 1984, p. 99 apud Rego, 1995). Desse ponto de vista, o aprendizado é o aspecto necessário e universal, uma espécie de garantia do desenvolvimento das características psicológicas especificamente humanas e culturalmente organizadas. (Rego, 1995, p. 71).

Tais conceitos implicam em manter o aluno sob a influência de espaços que o estimule a se desenvolver a partir de interações com o meio e novos aprendizados, os quais podem ser trabalhados em espaços museológicos enquanto trabalhos de campo científicos, como os citados anteriormente no documento da BNCC. É evidente que esta teoria de Vygotsky pode ser vista de forma ampla quando se interage com o meio ao qual o homem está inserido, podendo-se afirmar que pouco importa uma ou duas visitas a um museu quando se olha para um aluno que não convive em um espaço onde tem-se a cultura de valorização de tais espaços.

Entretanto deve-se lembrar que o espaço museológico enquanto mediador de conhecimento não se inicia e se encerra respectivamente quando os alunos entram e saem desse ambiente. Tal trabalho de campo deve ser estimulado em sala de aula tanto antes da visita como depois da mesma, a fim de o consolidar como um espaço próprio para o

desenvolvimento do aluno, como será analisado em seguida com as experiências de professores que levaram seus alunos a tais locais.

2.2 A Mediação Museológica em Prática

Para uma compreensão aprofundada sobre a importância da visita ao espaço museológico por parte dos alunos, faz-se necessário analisar pesquisas contemporâneas de autores e professores que colocaram em prática a tese apresentada nesta pesquisa. Seguindo este pressuposto, a experiência relatada por Sabota (2023) traz uma proposta trabalhada com alunos do ensino médio da rede pública do Estado de Goiás, dos quais visitaram o museu Zoroastro Artiaga, com a finalidade de estudar o conceito de paisagem e aspectos geográficos do Estado de Goiás.

A atividade proposta foi desenvolvida em 2018, partindo da premissa de que é possível realizar uma prática pedagógica em geografia em um espaço museológico, seguindo etapas definidas em sala de aula que visam aprimorar o entendimento dos alunos sobre o conceito de paisagem fundamentado pela teoria de Santos (2006), ao utilizar o acervo histórico do museu, o qual possui um acervo tematizado sobre a configuração do território goiano e sua origem, além de permitir uma exploração eficiente por parte dos escolares, como observado pelo professor Sabota (2023) em uma visita prévia à instituição, o qual comenta sobre a importância deste trabalho de campo também no cumprimento dos critérios das diretrizes curriculares vigentes:

A realização deste tipo de atividade permitiu ao docente proponente utilizar o entendimento sobre a paisagem para desenvolver com os estudantes o conhecimento geográfico, mobilizando as operações mentais de identificação, análise e síntese. A atividade também convergiu para a Competência Específica de número 1 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois permite identificar os diferentes processos inerentes à organização espacial e em diferentes escalas (BRASIL, 2018). (Sabota, 2023, p. 7).

É importante também citar que o museu enquanto espaço de conhecimento complementa o ensino de geografia, e não o substitui. “Desta forma, a prática educativa proposta visou trabalhar os conteúdos relacionados aos diferentes aspectos geográficos do Estado de Goiás, a partir de uma abordagem complementar aos materiais didáticos.” (Sabota, 2023, p. 14). Ou seja, para que a visita ao espaço museológico possa cooperar corretamente com o ensino trazendo maior profundidade aos assuntos trabalhados, é necessário uma forte base teórica adquirida dentro da sala de aula, além também do incentivo

do corpo escolar para a realização de tal atividade de campo, como enfatiza Cravo (2021):

Ao ver as crianças encadeadas de mãos dadas em direção ao museu, está-se a ver apenas uma fase de um processo iniciado anteriormente, processo esse que também envolve direção, a saber, um conjunto de operações humanas desencadeadas cujo resultado desaguou na visita concreta ao museu. Trata-se de um processo maior que é o processo educativo. Dito de outra maneira, as crianças só saem da escola para visitar museus se houver a percepção da importância da visita. A concretude da visita resulta de decisões anteriores que permitiram isso. E nisso está envolvido o papel dos diretores, coordenadores, professores, funcionários; além do próprio interesse dos alunos, pois são eles, afinal, os beneficiados pela visita ao museu. (Cravo, 2021, p. 3).

Sabota (2023) tal como Silva (2023) destacam que é de suma importância o estudo prévio dos conceitos que serão abordados no museu e uma análise pós visitação ao dividir este trabalho de campo em 3 etapas: A preparação inicial em sala de aula, essa sendo uma aula que irá sondar o conhecimento dos alunos sobre o tema que será trabalhado em campo além de reforçá-los ou introduzi-los caso seja um assunto inédito; Atividade prática em ambiente externo à escola, a qual corresponde a visitação ao museu em si; E o retorno ao espaço escolar para avaliação, sendo uma atividade reflexiva que reforça os conceitos vistos durante o campo. Tais atividades cooperam para um maior aprofundamento em temas que podem ser mais complexos para os alunos, além também de permitir ao professor perceber se a atividade de campo gerou um melhor entendimento do assunto pelos alunos.

Similarmente a Sabota (2023), Bartolome (2014) também enfatiza em sua obra a importância da combinação dos diferentes tipos de conhecimento da escola e do museu, destacando o desafio de se pensar o diálogo entre estas duas instituições:

La combinación de las diferentes lógicas, características de cada escuela y cada museo, se integran y se complementan para contribuir tanto en los procesos de enseñanza como en los de aprendizaje. Esta relación dialógica nos pone frente al desafío de pensar, por un lado, sobre cómo los docentes pueden incluir en sus contenidos de enseñanza aquello que el museo le ofrece. Esto supone ir más allá del uso de los objetos, en poder desentrañar los diferentes niveles de lecturas que acompañan a los objetos expuestos, que representan prácticas culturales también complejas. (Bartolome, 2014, p. 120).

Durante a visitação promovida por Sabota (2023) com seus alunos, o autor também destaca o uso de um roteiro para evitar a dispersão dos alunos, este que também deve ser elaborado previamente, assim melhor auxiliando os estudantes em sua investigação e garantindo a plena realização do campo.

Outra experiência interessante foi a da professora Roldi (2018), a qual acompanhou um grupo de dez alunos do ensino médio em uma atividade investigativa a partir da matriz teórica e metodológica histórico-cultural de Vygotsky (1984 apud Rego, 1995). Embora o tema da visita fuja aos limites da geografia, pois constituiu-se numa análise sobre répteis no

Instituto Nacional da Mata Atlântica no Estado do Espírito Santo, este artigo traz concepções críticas para a visita ao espaço museológico a fim de complementar o estudo em sala de aula, estas sendo a investigação e a mediação de conhecimento oferecida pelo museu, como coloca Roldi (2018):

Ao abordarmos a ação mediada no contexto de um museu de ciências, utilizando a perspectiva do ensino de ciências por investigação, estamos falando de uma forma de ação mediada que é diferente de uma implementada em uma escola, por exemplo, porque o contexto de realização da atividade é outro. O ensino de ciências por investigação, geralmente é desenvolvido em espaços de educação formal contando com várias propostas pedagógicas que utilizam a investigação como foco principal para ensinar ciências. No entanto, defendemos que o ensino de ciências por investigação pode ser utilizado em espaços de educação não formal como os museus de ciências. Tais espaços geralmente possuem diversos recursos como exposições e laboratórios que podem ser utilizados como ferramentas para a implementação de atividades investigativas. (Roldi, 2018, p. 969).

É importante citar que o museu visitado pela professora possui um programa educativo do qual pesquisadores que estejam vinculados ao mesmo possam trazer alunos com o objetivo de apresentar e analisar aspectos de seu acervo a partir de um roteiro de atividade, facilitando a burocracia necessária para levar estudantes ao espaço museológico. Assim, Roldi (2018) similarmente ao professor Sabota (2023), criou um roteiro de atividades para a visita ao museu pelos alunos, entretanto esta buscou despertar uma maior curiosidade nos estudantes ao propor que estes realizem uma investigação no instituto, trazendo a seguinte problemática de cunho científico que levasse os alunos a observar o local com maior atenção:

Vocês foram enviados em uma expedição científica para descobrir porque grande quantidade de animais está morrendo em uma localidade em que as mudanças climáticas tornaram o clima da região muito mais frio que o de costume. Animais como jacarés, lagartos, serpentes e jabutis são encontrados mortos com frequência, sem motivos aparentes para morte, outros animais como anta, onça, gavião, jacu e tatu aparentemente estão normais. Sua função é estabelecer hipóteses para essa mortandade. (Roldi, 2018, p. 974).

Percebe-se que utilizando a mediação museológica com metodologia investigativa proposta pela autora, os alunos podem desenvolver maior autonomia de pesquisa, visto que possuindo um objetivo claro, os estudantes então devem interagir com o espaço museológico a fim de reunir as informações necessárias para responder o questionamento proposto, fazendo observações e discutindo resultados entre si.

Embora o tema da pesquisa deste grupo de estudantes não seja necessariamente fatores geográficos, é possível extrair elementos de grande importância para a presente pesquisa, pois o ato de promover uma investigação por parte dos alunos dentro do espaço museológico pode despertar maior interesse nos assuntos já estudados, além de aprimorar a autonomia e o pensamento crítico do estudante, como recomendado pelas diretrizes vigentes de ensino, em

específico a BNCC (BRASIL, 2018).

É também importante destacar a parceria citada entre professores/pesquisadores e museus, a qual facilita as visitas dos estudantes a estes espaços e fornece maior facilidade de diálogo entre os conhecimentos em sala de aula e os conhecimentos mediados pelo museu. Neste sentido a autora Escribano-Miralles (2019) e a norte-americana Bathia (2009), concordam sobre a importância da colaboração museu e escola e a exalta em suas obras, trazendo uma importante contribuição sobre esta colaboração:

Tying field trips to school curriculum provides a common ground for school teachers and children to start a conversation with museum educators. School teachers plan field trips to supplement or enrich classroom learning. Educators design programs for schools keeping teachers' needs and curriculum in mind (IMLS, 2002). The outcomes of such activities may or may not always result in quantifiable cognitive gains. Those may spark interest, motivation, or curiosity in young impressionable minds to learn more on topics introduced on the field trips. Like any other successful partnership, museum and school partnerships for field trips could benefit both organizations and children when there is collaboration and communication between educators and teachers. Educators must know what teachers' needs are for their students' experiential learning. Customizing programs with age-and grade-appropriate content and making discovery and hands-on learning a part of field trips can impart long-lasting memories for children. Teachers may reciprocate by providing inputs and feedback on education standards and curriculum changes to educators (Bathia, 2009, p. 4)

O professor Silva (2016), também trabalhou o uso de museus pedagógicos enquanto mediadores de conhecimento geográfico para uma turma de primeiro ano do ensino médio, em específico o Museu La Última Escuela, em Segóvia, na Espanha. O docente destaca a importância da união entre prática e teoria, exaltando os museus pedagógicos como um importante instrumento nesta união, além de apresentar uma proposta didática de ensino de Cartografia baseada na visita ao museu escolhido, utilizando seu acervo histórico como recurso de ensino de Geografia.

No debate sobre as relações entre museu e o ensino de geografia, Santos (2016) também destaca um importante diálogo entre as instituições, não só na análise de seu acervo mas também em um debate geopolítico de sua formação, expandindo o uso do espaço museológico além de seu interior, sendo possível trabalhar conceitos mais complexos como “os museus como instituições de poder presentes nas políticas expansionistas estatais sob o capitalismo” (Santos, 2016, p. 262).

É importante citar que o museu escolhido por Silva (2016) conta com determinada parte do acervo dedicado aos conhecimentos geográficos em seus diferentes períodos históricos, contendo centenas de livros didáticos, diversos mapas, maquetes e outros instrumentos inerentes à geografia. Ou seja, este museu comporta o ensino de geografia em

seu espaço de forma direta, exaltando a importância da preparação pré-campo do corpo docente ao identificar e escolher um espaço de ensino informal que possa complementar o ensino de geografia de forma coerente.

Sobre o uso de museus pedagógicos enquanto mediadores de conhecimento, o autor destaca que “os museus pedagógicos fazem parte de um universo que reúne objetos e auxilia a compor a materialidade das escolas, embora não sejam tão visíveis na cena escolar quanto outros recursos, como livros, quadro negro, mapas, entre outros.” (Silva, 2016, p. 724). Ou seja, o museu pedagógico se assemelha à realidade do aluno, também facilitando que este se envolva com seu acervo.

O método de ensino utilizado pelo professor Silva (2016), nesta experiência de mediação com o espaço museológico, se embasa nos preceitos de Modelagem na Educação.

De natureza qualitativa, a proposta didática para o ensino de Geografia tendo o Museu Pedagógico como recurso pauta-se nos preceitos de Modelagem na Educação de Biembengut (2014) - método de ensino com pesquisa, ao defender que ao integrar a Modelagem no contexto educacional, a aprendizagem do estudante não está centrada na interação com materiais instrucionais, nem se resume ao discurso do professor, mas se realiza pela participação interativa dos sujeitos no contexto educacional, numa prática de elaboração cultural. (Silva, 2016, p. 726).

A proposta então se baseia em um modelo de ensino visando a participação direta dos alunos a partir dos preceitos de Modelagem na Educação de Biembengut (2014), que apresenta três fases para seu método de pesquisa, as quais o professor segue diretamente em sua teoria; são elas: Fase de percepção e apreensão, quando o professor deve instigar o aluno a explorar o tema trabalhado, explorando e compreendendo o local de estudo; A fase de compreensão e explicitação, a qual compreende a formulação do problema que será tratado e a resolução do mesmo, tendo início após a familiarização dos alunos com o tema estudado; e, por último, a fase de significação e expressão, compreendendo a validação da solução trabalhada, retomando o problema e buscando explicitar se a resolução encontrada é ou não válida a partir de diálogos em grupo.

Similarmente a experiência relatada por Roldi (2018), tal proposta apresentada por Silva (2016) busca a participação ativa do aluno no processo de aprendizagem, compreendendo formas únicas de utilizar a mediação museológica enquanto complemento ao ensino de geografia em sala de aula.

3. METODOLOGIA

A definição e aplicação da metodologia é extremamente importante e assegura que os resultados da pesquisa tenham fundamentação teórica suficiente para que o tema abordado seja exposto de forma a não tirar conclusões precipitadas que meramente afirmam a posição do pesquisador.

3.1. A Organização da Pesquisa

A pesquisa foi organizada nas seguintes etapas:

Primeiramente, foi trabalhado o espaço museológico enquanto espaço de aprendizado de forma mais geral, trazendo fatores históricos sobre como o museu era visto e como este espaço evoluiu para receber públicos mais abrangentes e para apresentar conteúdos de forma mais dinâmica. Em seguida foi discutida a mediação museológica no ensino de geografia a partir dos critérios das diretrizes curriculares vigentes e de teorias de autores renomados como Paulo Freire, Milton Santos e Lev Vygotsky, além de análises de pesquisas já realizadas por outros professores que visitaram espaços museológicos com seus alunos.

Além disso, foi evidenciada a experiência do autor enquanto participante ativo do Museu Geo-cartográfico e Ambiental no campus da UNESP em Rio Claro - SP, trazendo apontamentos de sua experiência pessoal acadêmica nesta cooperação entre o espaço museológico e o ensino, além também das conclusões alcançadas pelos autores considerados na pesquisa, os quais também fizeram parte da fundamentação teórica.

Por fim, foi realizado o desfecho da pesquisa, trazendo as principais conclusões do autor quanto ao tema trabalhado, referências analisadas, recomendações para pesquisas futuras e orientações para a utilização do espaço museológico enquanto mediador de conhecimento geográfico.

3.2. O viés metodológico da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida com respaldo na metodologia qualitativa, especificamente relativa ao tipo de estado da arte, através da análise de referências bibliográficas sobre as implicações do espaço museológico no ensino de geografia, no Ensino Médio. Como colocado por Lima (2015):

A pesquisa qualitativa fundamenta-se no princípio de que as sociedades humanas existem num determinado espaço, cuja formação social é específica. Assim, os indivíduos, os grupos e as classes atribuem significados e intencionalidades a suas ações, concepções e construções históricas. Esta concepção de realidade coloca para o pesquisador a condição de uma identidade entre sujeito e objeto, distingue-se, portanto, do método positivista. A pesquisa qualitativa parte do pressuposto que existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto é sob essa perspectiva, essencialmente, qualitativo. (Lima, 2015, p. 28).

Uma pesquisa qualitativa tem como foco realizar uma investigação temática buscando compreender aspectos específicos de determinado assunto. No caso desta presente pesquisa a meta foi compreender o espaço museológico enquanto um mediador de conhecimento geográfico escolar para turmas do ensino médio. Vale salientar, que é muito importante estudar tal tema nesta perspectiva, visto a vasta gama de referenciais teóricos que um assunto tão rico em detalhes como este necessita para ser devidamente analisado. Segundo Marques (2020):

Entende-se que uma das contribuições da pesquisa qualitativa para a ciência geográfica é a perspectiva de enriquecer e aprofundar as descobertas de situações que precisam ser observadas, analisadas e interpretadas de uma forma mais “sensível”, quer dizer, menos “objetiva”, olhando mais intencionalmente, mais profundamente, enfim além de meros dados e aparências. (Marques, 2020, p. 230).

Um dos principais objetivos de uma pesquisa qualitativa é compreender determinados fenômenos a partir de experiências e percepções de determinado grupo. No caso do museu enquanto mediador de conhecimento geográfico no ensino médio, tornou-se necessário uma profunda análise sobre as experiências dos alunos e professores nestes espaços, levantando questões que possam justificar o uso destes espaços no ensino dos alunos. Santos (2014) apresenta em sua obra um importante aspecto sobre o uso da pesquisa qualitativa, justificando seu uso em trabalhos de campo de Geografia como analisado nesta pesquisa:

Outro aspecto a ser levantado e que coaduna com esta compreensão de que a pesquisa qualitativa não precisa necessariamente estar vinculada a leis probabilísticas é o entendimento de Winchester (2005) ao afirmar que experiências individuais estão alicerçadas em estruturas sociais. Assim, determinados comportamentos não são atos isolados, mas inseridos dentro de um contexto social e historicamente construído. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo a atuação do professor, pois ainda que o mesmo tenha certa liberdade em sua prática diária, suas ações estão pautadas dentro de uma estrutura jurídica (LDB's e PPP), de um contexto social (o meio escolar) e de uma política educacional nacional implementada de acordo com as especificidades de cada lugar. Assim, análises sobre a atuação do professor de geografia, não recaem apenas sobre a “figura” do docente, mas a toda a conjuntura ao qual o mesmo se encontra. Nesse sentido, é um argumento plausível e que justifica e legitima a pesquisa qualitativa neste campo de estudo. (Santos, 2014, p. 64).

A pesquisa qualitativa, ao permitir uma profunda análise sobre os fenômenos que envolvem as pessoas e suas relações estabelecidas com os ambientes em que estão em contato, cria não apenas uma forte base para uma pesquisa, como também possibilita o levantamento de novas teses que a priori não foram determinadas, como destacado na obra de Triviños (1987):

Porque o pesquisador não inicia seu trabalho orientado por hipóteses levantadas a priori cuidando de todas as alternativas possíveis, que precisam ser verificadas empiricamente, depois de seguir passo a passo o trabalho que, como as metas, tem sido previamente estabelecidos. As hipóteses colocadas podem ser deixadas de lado e surgir outras, no achado de novas informações, que solicitam encontrar outros caminhos. (Triviños, 1987, p.131).

A investigação promovida pela pesquisa qualitativa permite a descoberta de diferentes fatores, como destacado por Triviños (1987). Nesta pesquisa não é diferente, visto que a tese inicial se respaldou primariamente na importância da visitação de museus enquanto espaços de ensino informal mas complementar ao estudo de geografia utilizando teorias de renomados autores e pesquisas de professores que levaram seus alunos para tais espaços. Ao analisar a BNCC (BRASIL, 2018), verificou-se que as diretrizes são muito favoráveis a realização de trabalhos de campo para o desenvolvimento reflexivo crítico do jovem, e acabaram por se tornar um forte argumento para o uso dos espaços museológicos no ensino, como destacado no documento quando é citado o “protagonismo juvenil” do qual implica no desenvolvimento de diferentes linguagens pelo estudante, além também da valorização de trabalhos de campo e a promoção de diferentes práticas para resolução de problemas.

Entretanto, para a realização plena da presente pesquisa fez-se necessário a utilização não apenas da metodologia qualitativa, mas também da metodologia de estado da arte, visto a importância de se analisar um relativo número de obras que tratavam a temática desta pesquisa. A metodologia de estado da arte tem como principal característica o mapeamento de uma grande quantidade de obras acadêmicas de determinado assunto, assim ajudando a criar uma investigação profunda do tema que evite a utilização de obras que possam não contribuir na tese analisada. Todavia, é imprescindível a seleção de obras de alta qualidade acadêmica, além da análise aprofundada das obras selecionadas, indo além de meramente resumi-las, como destaca Fonseca (2019):

Faz-se importante destacar que o pesquisador precisa manter a atenção ao se valer de textos sintetizados como fontes para definir os parâmetros, já que essa ação pode implicar na falta da conciliação necessária para a reprodução da análise do EAr, ou seja, existe a possibilidade de o pesquisador abordar resumos extremamente insuficientes. Assim, é importante que o pesquisador consiga assim se valer de outras fontes para demonstrar sua capacidade criativa, superando o desafio e indo além do resumo da obra estudada. (Fonseca, 2019, p. 1.205).

Através da pesquisa de estado da arte é possível analisar as diferenças entre as teorias dos muitos autores aqui trabalhados além de destacar as diferentes perspectivas dos mesmo quando tratando do espaço museológico enquanto mediador de conhecimento geográfico. Neste sentido, as visitas abordadas nesta pesquisa mostraram as múltiplas formas de como o museu pode agregar conhecimento em assuntos estudados na escola.

Outro fator extremamente importante na pesquisa de estado da arte é o recorte temporal da pesquisa, pois a determinação de um recorte de tempo implica na relevância do contexto histórico e social imerso nesse período, sendo de suma importância para a integridade da pesquisa, reunindo apenas as mais importantes informações da época selecionada, como destacado por Santos (2020):

A pesquisa em EA, conforme destacam Soares e Maciel (2000) e Haddad (2002), consiste em investigação com base em um recorte de tempo, isto é, a busca por produções publicadas em um período previamente definido. Como terceira etapa do processo metodológico, esse recorte leva em consideração fatores de diversas ordens, nas quais o pesquisador se apoiará. Entre eles, a necessidade de análise a um tema que pode estar relacionada a um marco importante que demarca o período em questão, seja em suas esferas social, política, histórica ou geográfica. Romanowski (2002), por exemplo, justifica o período em que baseou sua pesquisa, na década de 90, em função da intensificação da discussão sobre formação docente no Brasil. Portanto, o recorte de tempo é uma etapa necessária no processo metodológico da modalidade de pesquisa em EA, pois mostra o panorama de pesquisas sobre determinada temática e reúne as informações necessárias daquele período somente. Isso esclarece a relevância acadêmica e social do estudo, ao mesmo tempo em que apresenta as possíveis lacunas que poderão ser encontradas naquele momento. (Santos, 2020, p. 213).

A realização de uma pesquisa de estado da arte também implica na identificação e utilização de palavras-chave nas buscas de pesquisas e artigos científicos que possuam relação direta com o assunto tratado, para garantir que a tese não se distancie de seu tema principal e que a investigação de material seja eficiente. Nesta presente pesquisa também foram definidas as palavras-chave para a adequada seleção bibliográfica, estas sendo apresentadas e justificadas no subtópico seguinte (4.2).

É importante também citar que foi utilizada a metodologia participativa, pois esta implica na participação do autor na pesquisa em si e esta participação nesta presente pesquisa se faz a partir da reflexão sobre sua experiência enquanto participante ativo do museu geo-cartográfico e ambiental da UNESP de Rio Claro-SP, sendo que durante sua participação desde o início do ano de 2023 recebeu centenas de alunos de diversas escolas e níveis escolares, o que também colocou em evidência para o autor a importante contribuição do espaço geográfico para o ensino de geografia.

Desta forma, a pesquisa se respaldou no método qualitativo, relativo ao tipo de estado da arte, e foi desenvolvida com base na análise bibliográfica referente ao ensino de conceitos e conteúdos geográficos no ensino médio por meio da visitação de museus.

3.3. A análise das referências bibliográficas

As referências bibliográficas apresentadas neste trabalho atendem seus objetivos, pois procurou-se estabelecer um diálogo entre autores e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, mas que se relacionam plenamente, dos quais as visões e teorias são de suma importância para o embasamento teórico desta pesquisa.

Assim, para esta pesquisa optou-se pelo levantamento bibliográfico, selecionando-se referências específicas sobre o tema de interesse, buscando-se realizar uma análise das publicações que tratam da intermediação do espaço museológico para o ensino de Geografia, considerando-se o Ensino Médio. Para o propósito, foram utilizadas as seguintes palavras chave: Museu, Espaço Museológico, Ensino, Ensino Médio, Geografia e Escola. As palavras chave utilizadas foram fundamentais para orientar a pesquisa realizada, garantindo uma melhor delimitação de artigos e pesquisas, além também de aprimorar a organização do conteúdo deste Trabalho de Conclusão de Curso. Cabe salientar, que as buscas foram realizadas nas plataformas google acadêmico, SciELO e no portal de periódicos da Capes.

Além disso, foi selecionado como recorte temporal o período entre 2009 e 2024. O recorte temporal foi escolhido devido às significativas transformações que ocorreram na área do ensino durante este período, destacando a reforma do Ensino Médio, que foi criada em 2017 e gradualmente aplicada em todas as escolas do país a partir de 2022. Esta veio acompanhada de um dos documentos utilizados nesta pesquisa, a última versão da BNCC de 2018, a qual traz as mudanças mais importantes para a consideração nesta pesquisa, tornando este recorte temporal coerente e adequado.

É importante também levar em consideração a preocupação com o desenvolvimento crítico e ativo do jovem descrito na BNCC (BRASIL, 2018), evidenciado pelo termo “protagonismo juvenil”, que implica no desenvolvimento das habilidades do adolescente referente a tomada de decisão, sua participação e valorização de projetos e trabalhos de campo, como evidenciado nesta pesquisa.

As teorias utilizadas para a pesquisa foram extraídas de obras de autores clássicos como Vygotsky, do qual sua teoria histórico-cultural forneceu o embasamento teórico para

relacionar a interação homem/mundo trabalhada no espaço museológico. Também, foram utilizados renomados autores da educação e geografia, respectivamente Paulo Freire e Milton Santos, sendo que a obra de Freire (2011) foi uma das bases para discutir a formação crítica e reflexiva dos alunos e Santos (2006) e sua teoria sobre o espaço geográfico foi uma referência importante para discutir a inseparabilidade das ações humanas apresentadas e estudadas nos museus e o espaço propriamente dito.

Além das diretrizes curriculares atuais e teorias de renomados autores, também foram analisados artigos de outros professores e pesquisadores que já trabalharam a museologia e a educação de alguma forma, a partir de revisões bibliográficas ou ativamente levando jovens para um espaço museológico. Dentre as experiências analisadas, destaca-se a relatada por Roldi (2018), o qual levou um grupo de alunos do ensino médio para uma investigação em um museu de ciências a partir da perspectiva da teoria histórico-cultural de Vygotsky.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo apresenta os resultados obtidos nesta pesquisa a partir da revisão bibliográfica, buscando exaltar as conclusões dos principais autores que levaram turmas de ensino médio para espaços museológicos, a fim de analisá-las e compará-las para determinar se houve grandes diferenças entre as experiências de cada professor e grupos de alunos em seus relatos.

A experiência do autor desta pesquisa de TCC, enquanto participante ativo do Museu Geo-Cartográfico e Ambiental da UNESP de Rio Claro - SP, também foi analisada visando reforçar a importância da mediação museológica apresentada pelos autores, bem como evidenciar uma diferente perspectiva sobre a mesma.

4.1. Resultados das experiências analisadas

Com relação a experiência de Sabota (2023), durante a visita ao museu realizada em 2018 com sua turma de terceiro ano do ensino médio, o qual levou seus alunos para aprofundar o conhecimento destes sobre o conceito de paisagem de Santos (2006) e a configuração do Estado de Goiás, o mesmo percebeu que ao utilizar o circuito do museu enquanto recurso didático foi possível para os alunos perceberem na prática as alterações nas diferentes paisagens do Estado, assim mobilizando e aprimorando seus conhecimentos geográficos. O autor destaca:

Com as informações presentes no acervo, o público visitante teve condições de explorar a caracterização física e ambiental de Goiás, tal como seus processos de transformação e degradação, passando pelas diferentes formas de ocupação, organização e produção do espaço goiano. Também foi possível compreender durante a visita ao museu como ocorreu o processo de configuração sociocultural do Estado e a sua influência na dinâmica territorial. (Sabota, 2023, p. 18).

Os alunos também foram capazes de desenvolver uma melhor perspectiva sobre como as paisagens se configuram, isto em razão do levantamento de aspectos culturais e históricos da região expostas no museu, permitindo aos alunos levantarem informações suficientes para a realização da atividade proposta pelo professor em sala de aula. Esta atividade consistiu na elaboração de um quadro temático síntese, com o objetivo de avaliar o aproveitamento dos alunos durante o campo e verificar se os mesmos conseguiram aprimorar o conhecimento sobre o conceito de paisagem e os demais conteúdos analisados durante a visita.

O professor destaca que o conhecimento dos alunos sobre o conceito de paisagem e sobre a configuração do Estado goiano teve relevante aprimoramento, apontando, a partir da

atividade pré-campo realizada e dos comentários efetuados durante a visita que estes “apresentaram um fragmentado entendimento de transformação da paisagem, associado diversas vezes como sinônimo de degradação ambiental, excluindo deste processo a própria ação da natureza.” (Sabota, 2023, p. 20). Além disso, no decorrer da atividade pós-campo em sala de aula pode-se perceber que o contato com o ambiente museológico ampliou a concepção geográfica da paisagem para os alunos, ajudando-os a compreender os diversos fatores que compõem o território de Goiás, além também de promover conhecimentos mais amplos sobre o tema trabalhado devido ao acervo do museu. Assim, Sabota (2023) conclui sua experiência recomendando o uso de museus para complementar o ensino geográfico:

Diante desta situação, verifica-se a necessidade de adotar com maior recorrência práticas educativas em museus que remetem, de certo modo, uma abordagem espaço temporal. Isso permite que se desperte nos alunos uma compreensão geográfica para os demais conceitos, temas e conteúdos, visando a construção de um entendimento geográfico mais totalizante em termos processuais. (Sabota, 2023, p. 23).

O professor Silva (2023), similarmente a Sabota (2023), também levou um grupo de alunos do ensino médio para uma visita a um museu a fim de complementar o ensino de geografia em sala de aula, utilizando atividades pré-campo e pós-campo. Este destaca que “torna-se evidente que os estudantes compreendem de maneira mais concreta os conceitos geográficos previamente discutidos em sala de aula.” (Silva, 2023, p. 7), exaltando que a interação direta com o espaço museológico promove uma melhor associação para os alunos entre o que se vê em sala de aula e a materialidade deste conhecimento.

O grupo de alunos de Silva (2023) analisou conceitos como paisagem, lugar, tempo histórico e ciclo das rochas, utilizando do acervo presente no Museu de História Natural do Mato Grosso, o qual possui diferentes tipos de rochas, fósseis e maquetes, permitindo que os estudantes pudessem estabelecer claras relações entre os conhecimentos teóricos e práticos, complementando a aprendizagem e contribuindo para a formação dos alunos participantes.

Outra experiência analisada foi a da professora Roldi (2018), que levou um grupo de dez alunos ao Instituto Nacional da Mata Atlântica no Estado do Espírito Santo, a fim de promover uma investigação por parte dos alunos mediada pelo espaço museológico. Ao apresentar uma situação problema da qual os estudantes teriam que analisar e resolver, estes se viram protagonizando o processo de aprendizagem “se distanciando do ensino expositivo no qual, normalmente toda a linha de raciocínio centra-se no professor, com o aluno seguindo esse raciocínio e procurando entendê-lo, sem ser o agente do pensamento.” (Roldi, 2018, p. 977). Assim, foi possível despertar a curiosidade do aluno e proporcionar uma oportunidade em que novos conhecimentos podem ser desenvolvidos.

Ao final da experiência, Roldi (2018) destaca que a mediação com o museu colaborou com a construção de conhecimento científico por parte dos alunos, sendo possível não apenas pela participação ativa dos alunos ao operar as diversas ferramentas disponíveis no acervo do instituto, mas também em razão da colaboração entre a professora e um dos pesquisadores do museu, os quais criaram um roteiro que favoreceu a perspectiva de ensino por investigação proposta pela docente.

Ela também destaca a importância da continuidade dos estudos sobre as relações museu e escola, seus possíveis desdobramentos e levanta diversas questões que levam a necessidade de compreender e trabalhar atividades investigativas em espaços de ensino não formais com alunos fora da sala de aula, tal como o espaço museológico enquanto mediador de conhecimento.

Outros autores, como Cravo (2021), Silva (2016) e Bathia (2009) apresentaram propostas sobre o ensino mediado por museu, apesar de não terem levado os alunos para estes espaços. Entretanto, estes contribuíram com importantes colocações que convergem entre si, buscando valorizar este trabalho de campo em espaço de ensino informal, estimulando professores para levar alunos para estes locais.

Para Bathia (2009), a aprendizagem em museus torna-se um resultado de visões compartilhadas e atividades mediadas entre professores, alunos e museólogos, em razão de sua natureza informal. Enquanto Cravo (2021) salienta que a visita ao museu só é possível, isto é, só se concretiza verdadeiramente a partir do engajamento de diversos atores, tal como o professor, aluno e funcionários da escola e do museu. Neste aspecto, Silva (2016) destaca de modo expressivo a relação entre professor, aluno e espaço museológico, quando denota seu método de análise baseado em observações e análises em grupo.

Desse modo, verifica-se que todos estes autores exaltam a importância das relações sociais entre professor-aluno, estendendo-se por vezes também aos funcionários da escola e aos funcionários do museu, deixando claro que esta atividade de campo exige um intenso trabalho de preparação para o professor e escola, além também de uma boa dinâmica de grupo entre os alunos e apoio de membros do corpo escolar e museológico para que a visita seja realizada com sucesso.

A fim de comparar os resultados obtidos por autores que levaram alunos para espaços museológicos, é possível perceber que os resultados obtidos pelos professores Sabota (2023) e Silva (2023) foram bastante similares, pois ambos observaram que seus alunos tiveram grande evolução durante as 3 etapas do campo planejado, sendo estas o pré-campo, a visita em si e o pós-campo. Durante o campo os dois professores utilizaram o circuito recomendado pelo

museu; no caso de Silva (2023) este destaca que foi uma visita especificamente guiada. Os docentes exaltaram que durante a visitação houve muito interesse dos alunos na observação e análise do acervo do museu e os estudantes foram capazes de relacionar os conteúdos estudados em sala de aula com a materialidade do espaço museológico, enriquecendo a aprendizagem.

Além disso, os autores exaltaram a importância do pós-campo e como este agregou no conhecimento dos alunos, sendo possível perceber a evolução dos conceitos apresentados durante a aula que precedeu a visita. Os dois professores valorizam o uso do espaço museológico, mas não o colocam como um substituto do ensino convencional e sim como um complemento ao conhecimento enriquecedor do ensino geográfico:

Não se pretende aqui criticar os espaços "tradicionais" de ensino, uma vez que, também desempenham um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Porém, destaca-se que, no contexto contemporâneo, as práticas pedagógicas dos professores devem considerar outros espaços, que, em algumas situações, podem ser mais enriquecedores para o aprendizado dos estudantes. (Silva, 2023, p. 9).

Quanto à experiência da professora Roldi (2018), verificou-se que foi atípica quando comparada com as citadas anteriormente, visto que o método investigativo aplicado por ela para a mediação museológica fugiu ao padrão daqueles adotados pelos professores anteriormente analisados. Entretanto, mesmo com uma aproximação diferente das relações professor-alunos-museu, a professora relata que obteve resultados similares aos já observados.

Roldi (2018) exalta a participação ativa dos alunos na investigação, interagindo com as ferramentas culturais dispostas no museu de forma a buscar concluir a tarefa proposta pela docente; estes foram instigados a observar e analisar todo o espaço e trabalharam em grupo. A professora então relata que os alunos demonstraram domínio sobre o assunto estudado e que houve uma apropriação satisfatória de conceitos aprendidos.

Desse modo, através da análise desses autores, foi possível verificar a satisfação deles com os trabalhos de campo mediados por museus que eles realizaram ou o avanço teórico promovido por esta atividade; a análise dessas experiências permitiu verificar as propostas aplicadas por esses autores. No âmbito internacional, o museu também é considerado um forte aliado ao ensino, como foi destacado nas obras de autores estrangeiros, como Bathia (2021), Bartolome (2014) e Escribano-Miralles (2019).

4.2. O Museu Geo-cartográfico e Ambiental

É imprescindível também exaltar a experiência do autor deste presente trabalho

enquanto participante ativo do museu geo-cartográfico e ambiental da UNESP de Rio Claro - SP desde fevereiro de 2023. Este museu universitário teve criação no final de 2022 e desde então vem recebendo alunos e professores da própria universidade, além de receber alunos do ensino fundamental e médio.

O acervo do museu conta com milhares de mapas temáticos e cartas topográficas de dezenas de coleções diferentes, abrangendo desde recortes temporais que englobam obras elaboradas a mão no início do século XX até cartas confeccionadas utilizando-se complexos sistemas informáticos contemporâneos, além de possuir uma grande coleção de imagens aéreas e instrumentos de campo e de pesquisa geográfica, caracterizando-se como um poderoso aliado ao ensino de Geografia.

O trabalho no museu inspirou a criação desta pesquisa, além de nutri-la com a experiência direta do autor de mediação de conteúdo geográfico enquanto participante de um espaço de ensino informal para alunos do ensino médio, foco deste trabalho.

A dinâmica de cooperação entre o museu e as escolas se faz de forma direta com os professores interessados em trazer seus alunos para o espaço, ocorrendo uma troca de informações entre o corpo docente e os participantes do museu, sendo recomendado pelos mesmos que os professores apontem os conteúdos que estejam sendo abordados em sala de aula, para que possa ser organizada uma exposição que complemente o conhecimento geográfico do aluno.

É de fácil percepção quando os alunos visitantes são preparados para o trabalho de campo e quando não são, isto é, quando o professor trabalha os conteúdos que serão explorados no museu antes da visita e quando esta ação não ocorre. Quando ocorre uma fase pré-campo como destacado no decorrer desta pesquisa, os alunos do ensino médio mostram-se participativos durante a exposição, realizando perguntas, trazendo comentários, além também de permanecerem focados durante todo o percurso.

Entretanto, quando não se tem algum tipo de aula preparatória ao campo ou quando estes não são suficientemente instigados, muitas vezes os alunos acabam por se dispersar rapidamente, sendo movidos a estar no local não pelo desejo de aprender, mas por simplesmente estarem fora do espaço escolar em uma atividade de campo que se classifica como algo raro em muitas instituições escolares.

É importante também destacar que é comum que se abra espaço para a fala do professor durante a exposição, pois embora o acervo exposto seja muitas vezes escolhido para complementar os conhecimentos apreendidos em sala de aula e recomendados pelo docente, é importante que o mesmo traga suas próprias colocações sobre os mapas e itens em evidência

para que os alunos tenham o foco necessário nos conhecimentos que serão trabalhados no espaço escolar quando retornarem para a escola, além também de ter a função de reforçar fatores que o docente considera críticos ou complexos para a fase atual de sua disciplina.

A oratória é outro importante aspecto quando se recebe turmas de escolares do ensino médio. Para atender os estudantes, é importante utilizar uma linguagem simples, não ressaltando termos complexos, buscando sempre a melhor forma de garantir a contínua atenção dos jovens, apresentando fatores chave do acervo histórico sem sobrecarregar os alunos. Por isso, enfatiza-se novamente a importância da participação ativa do professor da turma, para que este destaque os termos mais importantes para eles naquele determinado momento.

No decorrer da minha experiência no espaço museológico, observa-se o enriquecimento do conhecimento geográfico por parte dos visitantes no final da atividade, pois sempre verifica-se maior quantidade de comentários dos estudantes, além também de tirarem dúvidas sobre assuntos que não compreenderam com total exatidão. Também, é destacada a importância da visitação a partir dos comentários dos docentes visitantes, seja durante a mesma ou após o retorno do grupo ao espaço escolar, a partir de mensagens enviadas pelos professores expressando a melhoria do conhecimento geral da turma em determinado assunto geográfico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira vem sofrendo grandes modificações com o passar dos anos, principalmente quando se trata de fatores como o Novo Ensino Médio, o qual mudou drasticamente a forma como ocorre o processo de ensino e aprendizagem nas escolas, reduzindo cargas horárias de determinadas disciplinas, tal como a Geografia. Entretanto, enquanto participantes diretos do processo de ensino, os professores devem buscar alternativas que possam complementar o ensino, sendo uma delas trabalhada nesta pesquisa, utilizando o espaço museológico como um espaço de ensino informal que complementa o conhecimento geográfico do aluno.

O museu, se utilizado corretamente através de um adequado planejamento, pesquisas e de trabalhos pré-campo, pode ser um forte aliado no processo de aprendizagem geográfico de alunos no ensino médio, visto também os fatores apontados nas diretrizes curriculares atuais, recomendando o uso e valorização de trabalhos de campo e exaltando a necessidade do desenvolvimento reflexivo crítico do jovem advindo destes.

Assim, é possível a criação de um ensino aprimorado de geografia utilizando a mediação museológica como complementação, buscando aprofundar assuntos que muitas vezes são de difícil compreensão para os alunos quando estudados apenas em sala de aula. Esta pesquisa se encerra então fazendo um convite a qualquer docente de Geografia que busque alternativas para complementar o ensino em sala de aula, sugerindo que tente promover esta interação com o espaço museológico para seus alunos, pois apenas com ações é possível conquistar uma educação melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTOLOME, Olga. **EL VÍNCULO ENTRE MUSEO Y ESCUELA UN TERRITORIO FÉRTIL PARA APRENDIZAJES E IDENTIDADES**. Córdoba - Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

BHATIA, Anuradha. **MUSEUM AND SCHOOL PARTNERSHIP FOR LEARNING ON FIELD TRIPS**. Fort Collins, Colorado: ProQuest LLC, 2009.

BIEMBENGUT, Maria Salett. **Modelagem matemática no Ensino Fundamental**. Blumenau: Edifurb, 2014

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasil: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Proposta curricular do Estado de São Paulo**: Ciências Humanas e suas Tecnologias. 1. ed. São Paulo, 2011. ISBN 978-85-7849-451-3.

CRAVO, Simone Cosme. **Ensino de Geografia e o expediente de visita ao museu para promovê-lo**. 55. ed. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo USP, Brasil: 2021. v. 3.

CUCCHI, Andreia Zuchelli. **O MUSEU NO ESTUDO DA GEOGRAFIA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**. 2022. 235f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/ Campus de Francisco Beltrão, 2022.

ESCRIBANO-MIRALLES, A., Serrano-Pastor, F.J. & Miralles-Martínez, P. (2019). **Diseño y validación de un cuestionario para el estudio de la relación y colaboración museo y escuela** (MUSELA DOC). Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado, 22(1), 103-119.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. 2. ed. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio: MAST, 2011. v. 4.

FONSECA, Ricardo Lopes. **O Estado da Arte das Pesquisas em Ensino de Geografia Publicadas em Periódicos Nacionais**: perspectivas e tendências. 59. ed. Universidade Estadual de Londrina, Brasil: Caderno de Geografia, 2019. v. 29. ISSN 2318-2962.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. ISBN 978-85-7753-226-1.

LIMA, Maria do S. B. ;MOREIRA, Érika V.. **A pesquisa qualitativa em geografia**. Presidente Prudente: Caderno prudentino de geografia, 2015. 27-55 p. v. 2

MARQUES, Katiúscya Albuquerque De Moura; VIANA, Bartira De Araújo Da Silva; SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro. **PESQUISA QUALITATIVA E GEOGRAFIA: UMA APRECIÇÃO METODOLÓGICA**. Geografia: Publicações Avulsas. Universidade

Federal do Piauí, Teresina, v.2, n. 2, p. 227-244, jul./dez. 2020.

MENDES, José Amado. **O papel educativo dos museus**: evolução histórica e tendências actuais. Didaskalia, v. 29, n. 1-2, p. 667-692, 1999. 10/12/2022 - Brasil tem visitação vigorosa a museus, diz presidente do Ibram. Revista Museu, 2022. Disponível em: <https://revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/15750-10-12-2022-brasil-tem-visitacao-vigorosa-a-museus-diz-presidente-do-ibram.html#:~:text=O%20Brasil%20tem%20aproximadamente%203.967,pelas%20melhorias%20nos%20museus%20brasileiros..> Acesso em: 11 set. 2023.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotski**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. ISBN 85.326.1345-4.

ROLDI, M. M. C.; SILVA, M. do A. J.; TRAZZI, P. S. da S. **Ação Mediada e Ensino por Investigação**: Um Estudo Junto a Alunos do Ensino Médio em um Museu de Ciências. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 967–991, 2018. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2018183967. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4807>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SABOTA, Heitor Silva. **A GEOGRAFIA NO MUSEU**: proposta teórico-metodológica de ensino do conceito de Paisagem. 23. ed. Campinas: Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2023. p. 05-24 v. 13.

SANTOS, Alan Fernandes Dos. **PESQUISA QUALITATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: DISCUTINDO QUALIDADE**. Geosaberes, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 60 - 67, jan. / jun. 2014.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **GEOGRAFIA E MUSEUS**: proposta de diálogos. 12. ed. Campinas: Revista Brasileira de Educação em Geografia, 2016. p. 259-273 v. 6.

SANTOS, Marcio Antonio Raiol Dos et al. **ESTADO DA ARTE: ASPECTOS HISTÓRICOS E FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**. 17. ed. São Paulo (SP): Revista Pesquisa Qualitativa., 2020. p. 202-220. v. 8. ISBN 2525-8222.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. São Paulo: USP, 2006. ISBN 85.314.0713-3.

SILVA, Adilson Tadeu Basquerote et al. **Museus pedagógicos como recurso didático no ensino de Geografia**: uma proposta didática de cartografia a partir do Museu Pedagógico La Última Escuela de Otones de Benjumea, Segóvia, Espanha. researchgate, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325961995_Museus_pedagogicos_como_recurso_didatico_no_ensino_de_Geografia_uma_proposta_didatica_de_cartografia_a_partir_do_Museu_Pedagogico_La_Ultima_Escuela_de_Otones_de_Benjumea_Segovia_Espanha_Tomas_Raul_Gom. Acesso em: 27 ago. 2023.

SILVA, Gabriel De Miranda Soares. **AULA DE CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA: O MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE MATO GROSSO COMO ESPAÇO EDUCATIVO**. 15. ed. Revista Eletrônica: Educação Geográfica em Foco. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Pesquisa qualitativa. In: _____. **Introdução à pesquisa em ciências**

sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAVALCANTI, Lana De Souza. **COTIDIANO, MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DE CONCEITOS: UMA CONTRIBUIÇÃO DE VYGOTSKY AO ENSINO DE GEOGRAFIA.** 66. ed. Campinas: Cad. Cedes, 2005. p. 185-207 p. v. 25.

CAVALCANTI, Lana De Souza. **PARA ONDE ESTÃO INDO AS INVESTIGAÇÕES SOBRE ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL?: UM OLHAR SOBRE ELEMENTOS DA PESQUISA E DO LUGAR QUE ELA OCUPA NESSE CAMPO.** 3. ed. Goiás: Universidade Federal de Goiás, Brasil, 2016. p. 399-419. v. 36.

FICHTER, Bernd. **Introdução na abordagem histórico-cultural de Vygotsky e seus Colaboradores.** researchgate, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Bernd-Fichtner/publication/268342314_Introducao_na_a_bordagem_historico-cultural_de_Vygotsky_e_seus_Colaboradores/links/54b8ecb20cf2c27adc49051c/Introducao-na-abordagem-historico-cultural-de-Vygotsky-e-seus-Colaboradores.pdf. Acesso em: 27 ago. 2023.

GAUDIO, Rogata Soares Del; PEREIRA, Doralice Barros. **ENSINO DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE: UM “MUSEU DE GRANDES NOVIDADES?”.** 57. ed. São Paulo: Terra Livre, 2021. p. 381-432. v.

MOREIRA, R. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção.** GEOgraphia, v. 1, n. 1, p. 151-153, 9 set. 2009.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **GEOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: um olhar sobre o processo investigativo.** Geo UERJ - Ano 14, nº. 23, v. 1, 1º semestre de 2012 p. 4-18.

PESSÔA, Vera Lúcia Salazar; RÜCKERT, Aldomar Arnaldo; RAMIRES, Julio Cesar De Lima. **Pesquisa Qualitativa: Aplicações em Geografia.** 1. ed. Porto Alegre/RS: Imprensa Livre, 2017. ISBN 978.85.7697.461.1.

RABELO, Kamila Santos De Paula; BORBA, Odiones De Fátima. **O ESTADO DA ARTE DA PESQUISA SOBRE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: AS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2019. p. 2847-2860. ISBN 978-85-85369-24-8.

SILVA, Cristiane Pereira; BENTO, Izabella Peracini. **MUSEU PEDRO LUDOVICO COMO AMBIENTE DE ENSINO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA PARA AS SÉRIES INICIAIS.** Universidade Federal de Goiás.

SILVA, Marinete Guimarães Da ; NORA, Giseli Gomes Dalla. **A GEOGRAFIA ESTÁ NO MUSEU: PROPOSTA METODOLÓGICA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.** 19. ed. Natal: Geoconexões, 2024. p. 132-153 v. 2.